

A PIRACICABA, MINHA TERRA

Lino Vitti

Poema decalcado no
“MANUAL DE HISTÓRIA PIRACICABANA”
do Professor Guilherme Vitti

Secretaria Municipal de Educação de Piracicaba

Agosto 1991

INDICE

INDICE	2
APRESENTAÇÃO	3
O PORQUÊ DESTE POEMA	4
“IN PRINCIPIO”	5
A FUNDAÇÃO	9
O RIO	11
A USINA	16
A ESCOLA-A CULTURA.....	18
A SAÚDE E A BONDADE	20
POLÍTICA	22
A CIDADE	24
A INDUSTRIALIZAÇÃO E O COMÉRCIO	26
OS IMIGRANTES	28
OS CAMINHOS BANDEIRANTES.....	30
A CÂMARA	32
AS PONTES	34
PROGRESSO	36
O POVOADOR	38
ÁGUA... ÁGUA.....	40
“EM DISPARADA”	41
OS FRADES	45
A AGRONOMIA	46
EPÍLOGO	47
LINO VITTI – Alguns dados biográficos	50

APRESENTAÇÃO

É com muito prazer que este Governo publica o poema “A PIRACICABA, MINHA TERRA”, homenagem de Lino Vitti à Piracicaba, Nossa querida Noiva da Colina, que completa nesta data 224 anos de fundação.

O autor, renomado cidadão piracicabano, é festejado pelos seus agudos e competentes editoriais e pelos seus excelentes dotes poéticos. Dispensa maiores comentários.

Parabéns, Piracicaba!
1º de Agosto de 1991.

José Machado
Prefeito Municipal

O PORQUÊ DESTE POEMA

Lino Vitti

Embora não se admita, toda poesia tem uma razão de ser. Provindo do âmago da alma envolve certamente o aluvião de sentimentos e espiritualidades próprios do espírito humano e é natural que deseje um dia sair do arcabouço íntimo do poeta e, qual crisálida, bater asas e voar pelo azul da vida afora. Quem se dedica à poesia sabe perfeitamente que temos dentro de nós um impulso tremendo de comunicação, queremos a toda força que todas as pessoas participem conosco de todas as belezas objetivas e subjetivas da poesia.

Este poema latejou por décadas de anos dentro de mim. Queria oferecer uma poesia aos meus conterrâneos à posteridade onde a minha terra natal fosse personagem principal do poema. Relendo o MANUAL DE HISTÓRIA PIRACICABANA, do meu mano e historiador Prof. Guilherme Vitti, percebi que poderia estar aí a inspiração para saldar minha dívida poética com Piracicaba, a que nenhum ou poucos versos dediquei ao longo de meus três livros editados. Não diria que fosse ingratidão, para com minha terra, já amplamente cantada em versos por Lagreca, Newton de Mello, Júlio Soares Dihel e outros. Seria, sim, um gesto de amor de filho para com a mãe. Mãos à obra, eis redigido e completado o poema, uma história da cidade em versos, evento raro no cenário da literatura nacional e quiçá universal, se não perfeito, ao menos recheado de muita dedicação e muita vontade de homenagear Piracicaba.

Eis aí, resumidamente, o porquê deste poema. Sinto-me realizado pela Edição da municipalidade, através de seu prefeito José Machado e de sua Secretaria de Educação, comandada pela professora Maria Cecília C. Ferreira, de vez que esse gesto oficial como que vem suprir definitivamente a minha ingratidão poética com esta poética terra.

Não digo “Muito Obrigado” porque nada paga o benefício cultural com que Piracicaba foi agraciada no transcorrer do seu 224º ano de fundação. O nosso - meu e de vocês - muito obrigado é a Deus que devemos dirigir-lo.

Piracicaba, 9 de julho de 1990.

N. B. A numeração romana como subtítulo, corresponde aos capítulos do “MANUAL”.

A PIRACICABA, MINHA TERRA

“IN PRINCIPIO”

No princípio era o sonho da floresta
- o sol por entre ramos, - que se enfresta
numa orgia de luz,
doura a paisagem onde a mata impera
e aos pinchos a peixada deblatera
- a cascata a seduz.

No princípio era a tribo do selvagem,
araras e maitacas na folhagem
com metálica voz.
Os macacos brincavam pelos galhos,
a indiada se escondia nos atalhos
em carreira veloz.

Até as margens do rio vinham troncos
ouvir da catadupa os longos roncões
qual longínquo trovão.
Barbas verdes pendiam do arvoredor
e as orquídeas brilhavam no balcedo
em festivo florão.

O rio imperador rolando vinha
em troncos de verdura, mas detinha
o passo corredor,
porque a pedra cavava-se em abismo,
parecia sorrir-se com cinismo
num gesto ameaçador.
Aos corcovos – corcel desembestado-
o rio entre gargantas apanhado tombava com fragor.
a esse tempo era um rio altivo e nobre,
não tinha essa tristeza que hoje o cobre,
roncava o seu valor.

Que fartura nas belas piracemas,
Quanto saltos mortais e estratagemas
do peixe pra subir.
Tão grande era o pular da peixarada
Que se o sol enviesava a luz dourada
Vinha um íris luzir.

E ante tanta fortuna por Deus dada
Como aquela empolgante peixarada
O indígena parou.
Botou cidade de ocas de sapé
E na margem do rio fincou o pé,
Sua taba formou.

E o selvagem gritou: Piracicaba!
Rio do peixe que jamais acaba,
Riqueza de valor!
Vem o estrangeiro e monta sua tenda,
Vem o grande senhor e põe fazenda
Ao lado e ao redor.

E a taba vira aldeia e esta, a vila,
Reina a paz, um sol cálido cintila,
A vida faz feliz.
Vêm bandeiras de gente, vem o frade,
Aventureiros vêm buscar felicidade
Nas minas-chamariz.

Vêm em bando também muitos pioneiros,
criminosos talvez e prisioneiros
em busca deste chão...
O picadão perfura a imensa mata...
Na colina defronte da cascata
Já chega o picadão.

A cobiça das ruínas, o ouro oculto
na sua profundidade inda sepulto,
caminho do sertão.
E lá se vão as levas e mais levas
em pleno dia ou no negror das trevas
atrás do ouro-ilusão.

É jornada de louco que se atira
buscando um brilho atávico-mentira
- miragem que seduz.
Porém o sonho anima-os e sustenta,
a aventura os sacia e os acalenta,
seguem-na qual luz.

Abriu-se urra clareira na floresta,
a manhã era linda e a terra em festa
viu um teto surgir.
E um mais e muitos outros vão surgindo:
a igreja, o povoado que sorrindo
acenam ao porvir.

E chega o Capitão, e chega o “seo” vigário.
um traz espada à mão, outro, rosário,
ambos grande sonhar.

Um traz as leis e a ordem; outro, a sotaina;
um a farda que brilha, outro só quer a faina
de aos corações amar.

Feliz Piracicaba cujo início
foi todo autoridade e sacrifício

- Barbosa e Frei Tomé.

Duas vontades férreas que nos deram
virtudes e coragem, nos fizeram
paradigmas de Fé,

A Cruz e a Espada, o Rei da terra, o Cristo
Uniram-se para, hoje, sermos isto
que somos, povo meu.

Povo de amor, de fé, de caridade,
de esperança, com tal intensidade
que não creio haja ateu..

E foi sob este signo que um dia
de sol a vila fez-se freguesia
e cidade também.

Para banir o reino do demônio
foi nomeado padroeiro Santo Antônio
que até hoje ainda tem.

Conta a lenda ser outra a padroeira
- a Virgem dos Prazeres - milagreira,
mas Barbosa não quis.

Porque se chama Antônio - diz a história -
deserdou-A de tão sublime Glória...
e sentiu-se feliz,

só quando sobre o altar da nova igreja,
como santo que ao povo seu proteja,
Antônio colocou...

Que foi feito da Virgem Mãe Senhora?...

Um cortejo de anjinhos dá-lhe o fora,
rio abaixo A levou!

Que sublime disputa, que gloriosa
dedicação Piracicaba goza
com protetores tais!

Grato destino os santos que a protegem,
que os caminhos pretéritos lhe regem
com mantos divinais!

Santo Antônio dos Peixes, Santo Antônio
que expulsou dentre os homens o demônio
Santo Antônio do Mar!
Que ante o divino e eterno Sacramento
fez um dia ajoelhar-se até um jumento
para Deus adorar!

Santo Antônio que gruda o pé cortado
daquele infelizardo e tresloucado
que à mãe não atendeu.
Santo Antônio que ajuda a achar as cousas
que ressuscita e faz saltar as lousas,
revive quem morreu!

Santo Antônio que faz reandar os coxos,
que limpa do leproso os sinais roxos,
as máculas do mal.
Santo Antônio que faz jogar muletas,
presente sempre em nossas horas pretas,
Santo Antônio – fanal!

Santo Antônio a que as aves obedecem,
que tem eflúvios para os que padecem,
és nosso protetor.
Piracicaba ergueu-te um grande templo
que da janela, ao pôr-do-sol contemplo,
a alma toda fervor.
Do humilde altar em que te colocaram
e ante o qual tão contritos se ajoelharam
os nossos ancestrais,
vemos hoje, entre luzes e esplendores,
tua glória crescer e os teus amores
para conosco, mais.

Nós somos filhos teus, somos os êmulos
daqueles velhos bons, doces e trêmulos
te erguendo humilde altar.
Deste-lhes forças e coragem, deste
a eles visão e inspiração celeste,
um sonho a realizar.

Santo Antônio, da Glória e do Milagre
dá que este povo ao teu amor consagre
todo o trabalho e fé!
Que vençamos as lutas e o progresso
de tuas milagrosas mãos egresso
nos conserve de pé.

A FUNDAÇÃO

(Cap. VII)

Formou-se a povoação de homens diversos;
vadios, andarilhos e dispersos
povoam este chão.

Vadios - gente boa desempregada,
andarilhos - pessoas sem morada,
dispersos - sem lar são.

No topo da colina ao sol da manhã clara,
gritando os bem-te-vis com orquestra de arara,
acorre o povo todo a mando do Povoador!
Levanta o pelourinho - armas da autoridade,
traça o marco no chão da matriz da cidade,
tressua a multidão de alegria e calor!

O povaréu em festa entroniza o seu santo,
começa a construção do templo sob o canto
dos pássaros sociais, à luz do amanhecer.
As cigarras em bando agarradas aos troncos
feriam a zunir o ouvido de homens brancos,
saudando-lhes a fé, lembrando-os do dever.

No iluminado altar rezava o padre a missa,
ao redor a floresta as flores desperdiça
- turíbulo a incensar mil perfumes astrais.
Os assistentes têm - rudes e prazenteiros -
o privilégio assim de serem os primeiros
a ver a hóstia subir entre esplendores tais.

Sobem preces a Deus, pedem que Deus lhes olhe
o futuro do povo e que a Virgem desfolhe
as bênçãos maternas num dilúvio de amor.
Que se cumpram também as preces do ministro
e que Piracicaba eternize o registro
do valor que lhe deu o insigne fundador!

Quanto divino amor naquele ato singelo,
quanta felicidade e sonho, quanto anelo,
naquelas mãos em prece erguidas para o céu!
A aragem a soprar qual hálito de encanto
levava para além num célico acalanto
todas as orações daquele povaréu.

E o salto mais além, unindo os seus lamentos
às súplicas do povo e aos anseios dos ventos
era um órgão imenso a planger orações!
As maitacas em bando a alvoroçar o espaço,
macacos e sagüis em longo e caro abraço
estavam a assistir as divinais funções.

Vagíamos então nos cueiros da História,
branquejava a capela, ao sol, com toda a glória,
é o símbolo da Fé.
Desenhou-se uma praça imensa bem de frente,
cenáculo do tempo onde a futura gente
abriria o Café.

Para que a fundação constasse bem exata
o Capitão mandou que se lavrasse em ata
Por Taques, o escrivão.
Com letras perenais lavrou-se o nobre feito
que nos deu o valor e o mais santo direito
de ser uma nação.

O RIO

Convocando do norte arroios corredeiros,
chamando para si ribeirões e ribeiros,
numa orgia sem par,
Piracicaba - o rio - adentra as nossas plagas;
cobrindo com amor em meio a suas vagas
os peixes a brilhar.

Vem de longe, sereno, amansando a paisagem,
entre colinas vem refletindo à passagem
roças, campos, painéis, cidades a sorrir.
É um rio social, decerto, o que nos banha,
tem pintado, mandi, curimbatá, piranha,
tem dourado e pacu para o povo servir.

Extensos canaviais, frondosas capoeiras,
Capinzais em tropel descendo as ribanceiras,
Pescadores aos mil...
Rio Piracicaba, outrora fértil, rico,
Hoje exangue, a morrer, contigo triste fico,
Humilhado e servil.

Quantas bocas, meu Deus, rio, dessedentaste,
Quantas terras em flor, meu amigo, regaste,
Quanto céu refletiste e nuvens a passar!
Quantas aves talvez às tuas margens lindas
Afofaram seu ninho em criações infindas,
Levando o teu frescor em cada pobre lar!

Rio Piracicaba a retratar o azul,
Correndo sem cessar em demanda do Sul
Onde o espera o Tietê.
Quem outrora te viu transbordante de vida
Ao contemplar-te, agora, água desmilingüida
De certo não o crê.

E, súbito, na marcha, a corcova de pedra
em cujos socavões a casculada medra,
precípita se atira aos trancos e aos cachões.
Ecoa em derredor a paisagem da terra
não se sabe se é a pedra ou se a água que berra,
guaiando em convulsão, remoinhando em bulções.

A catadupa é bela, a catadupa encanta,
a espumarada ferve e a pedraria canta,
num coro universal.

As árvores estão com cara de assustadas,
as folhas, a tremer, batem descompassadas
qual fora um vendaval.

Trepida a ponte, acima, ao baque da cascata
e as guardas em roldões às vezes desacata,
desembestando em fúria os firmes pedestais.
É a força da corrente a nos fazer surpresas,
é o choque colossal das águas indefesas,
contra as pedras, quiçá, como eternas rivais.

O arvoredado adjacente estranha a catapulta
do salto que devora as águas e as sepulta
no seio do poção.

Por isso as vê amansar abaixo calmamente
tal e qual como ocorre às vezes com a gente
e com o coração.

E o rio, logo abaixo, ainda meio tonto,
mas um tanto feliz, parece, entrega o ponto
e deita em mansidão qual gigante a dormir.
Recebe-o com carinho a barranca do Porto
mais calmo e mais tranqüilo assim como um rei morto
após deixar atrás as pedras a mugir.

E lá vai, sonhador, murmurando uma prece
até que em curva além ele desaparece
resmungando quiçá.

Deixando para trás sua Piracicaba
que num gesto lhe diz: saudades desta taba,
um dia voltará.

Mas é um sonho, Senhor, um sonho de poeta,
é força de expressão da pena de um esteta
quando pincela um rio assim forte e leal,
pois ontem era um rio, um rio de verdade,
sua excelsa figura hoje virou saudade,
é sombra a agonizar, pira sem pedestal.

Todos querem saber de sugar-lhe as entranhas
e com enganos vis, com téticas patranhas
a fonte assassinar, o belo conspirar.
E o rio vai morrendo, aos poucos vai morrendo,
agonia de dor, doloroso “crescendo”...
Onde estão os heróis para o rio salvar?!

Era a água cristalina, era límpida e isenta,
o lábio do mortal nela se dessedenta
bebendo-lhe o cristal, de bruços, sem temor.
Que delícia, que gosto e que grande prazer!
Tudo porém findou e é ousadia beber
dessa fonte que foi uma fonte de amor.
Quantas vezes regou as paragens agrícolas
onde mora o caboclo em líricas edículas
- força oculta do brio altivo do porvir!
Quantas vezes também beijado de luar
carregaste no seio em ânsias a remar
o barco de um casal em vias de fugir!

Quantas vezes à beira escondida das margens,
depois de atravessar mainéis e largas vargens
encontraste, à barranca, o calmo pescador!
Davas-lhe o lambari, a piava e o lindo bagre,
para ele, rio meu, tu eras o milagre,
a ceia, o mata fome, o prato salvador!

Como te invejo, rio, a rebrilhar em poças,
refletindo o arvoredado, as pastagens, as choças,
as nuvens lá de cima em fantástico andar!
Recolhes, muita vez, em teu seio tranqüilo
o exuberante azul como se fora um Nilo
dado por Deus a nós que aqui temos o lar.

Foi abaixo do salto, onde a dengosa onda
se espreguiça na areia e em curvas se arredonda
que o Povoador chegou e disse: é mesmo aqui...
Apoitou a barcaça e ouviu bem perto o salto,
viu as margens a prumo em direção ao alto...
Chasqueava numa fronde alegre bem-te-vi.

Passos lesto subiu ao pico da colina...
Verdejava à distância a mais bela campina
cercada pelo muro azul da serra além.
Era fértil a terra; e beijando-lhe as fraldas
o rio; multidão de copas-esmeraldas
se alastrava sem fim qual infinito bem.
Foi o rio o caminho a trazê-lo a esta plaga,
a este “porto-feliz” depois de longa saga
enfrentando a torrente e todo o meio hostil.
Capitão-Povoador que no rio encontraste
o destino de um povo a cuja vida ataste
o progresso, a aventura, a coragem viril.

E a cidade espraçou cumprindo a própria sina,
 galgando, sem cessar, a encosta da colina
 até que, da Colina, a Noiva ela ficou.
 O salto lhe emprestou um véu branco e espumante
 uma aliança de sol esplendida e brilhante
 e a noiva - a gente diz – co'o salto se casou.

Foi à beira do rio, ao lado da cascata,
 que esta Piracicaba, em sonhos, já desata
 a vontade de ser metrópole também.
 É o que o seu Fundador lhe desejou outrora:
 Vai, vai, Piracicaba, ativa, vida em fora,
 sê modelo de amor, de glórias e de Bem.

Cumpriu-se o seu desejo; a cidade deslança
 cresce, cresce, imitando o rolar da avalanche
 de metrópole imensa imitando o porvir.
 Que grandeza me tens, minha Piracicaba,
 quando te vejo vir dos primórdios da taba
 para os arranha-céus que vejo ora subir!

A Vila cresce, a Paulicéia também cresce,
 Piracicamirim que jamais esmorece,
 Cidade Alta a que o nome a grandeza já diz;
 Paulista, Agronomia, Areião e Jupia...
 É sem conta o rosário de bairros que já
 deixam Piracicaba orgulhosa e feliz!
 Bairros chiques, Jardins, gente granfina,
 Bem demonstram o quanto a Noiva da Colina
 Investiu no trabalho e os filhos conceitou.
 Outros, melhor, eu sei, cantaram tua glória,
 Cantaram com valor a tua bela história,
 Diante deles eu calo e digo nada sou.

Vamos deixar porém a urbe gloriosa e grande
 e ir à zona rural que além verde se expande,
 exuberante e rica, esplendente e louçã.
 A fauna aqui prospera a vida aqui transborda,
 o roceiro e o trator, mal a manhã acorda,
 metem-se a trabalhar com gáudio e com afã.

De manhãzinha o sol as colinas redoura
 e, com o ouro da luz, a cabeleira loura
 da cabrocha que vai ao campo a seu dever.
 E bandos infantis de uniforme e sacola
 em gritos, a correr, demandam sua escola
 - aves em revoada em busca do saber.

Farfalham canaviais extensos (que verdume!),
entre as folhas a brisa ensaia almo queixume,
enquanto vai a enxada arrasando o capim.
Às vezes, negro e feio, a perseguir o “tico”,
- esse pai carinhoso e bom que não é rico -
se ouve o agudo esgüelar do malvado chupim.

Se a cana está madura o fogo alto esbraveja
destruindo sem dó o canavial, que arqueja,
semeando cinza e fumo em doida confusão.
As máquinas (que força!) empilham negras canas,
roncando os caminhões sob cargas insanas
levam para uma usina a imensa lotação.

A USINA

A usina! Vejam bem! O canavial se espraia
pelos pontos cardeais - oceano de cor gaia
a distância a invadir, o horizonte a fechar.
Ondulam os talhões e em meio ao movimento
qual navio a vogar aos embalos do vento
a usina se ergue além, parece baloiçar.

Há uma faina sem fim de máquinas e gente,
dia e noite, bufando ininterruptamente
como fera que quer escapar da prisão.
Fumos de chaminés desprendem-se da usina
como fora da fera a furiosa narina
expelindo o furor em doido furacão.

Você acaso viu a mandíbula rude
Com que a usina devora em sua plenitude
Toneladas de cana a moer, a moer?
Esguichos de garapa atropelam-se em bica.
tacho imenso a ferver as canas dulcifica
enquanto o açúcar sai do outro lado a escorrer.

E o bagaço se empilha em montanhas airosas,
São os restos mortais das caninhas cheirosas,
É adubo para a roça, é causa de papel.
Colméia de trabalho a usina é uma riqueza,
É dinheiro, é progresso, é símbolo e realeza,
É favo gigantesco a escorrer sempre em mel.

Operários, patrões, que colméia estuante,
Unidos todos são num trabalho esfalfante
Todos a produzir ouro branco. Que afã!
Deus abençoe a vida, a vida que há no campo
E esse céu todo azul se estenda lindo e escampo
Como um pátio a cobrir os risos da manhã.

Vede que na amplidão das terras rumoreja
o trabalho do corte e a gente sertaneja
não pára no labor vibrando o seu podão.
Quando o estômago bate a hora da comilança
os talheres, na faina, abordam sem tardança
a bóia fumegante, em coro e confusão.

Dá gosto contemplar a multidão faminta,
é um quadro que qualquer pintor, querendo, pinta

digno de um Rafael, de um Toulouse Lautrec.
Essa gente, meu Deus, não sabe de política,
vive em grande ilusão dos jornais e da crítica
e nem sabe sequer se acaso existe um MEC.

Essa gente porém é soberba riqueza,
é modelo de luta e amor, de fortaleza,
desconhecido herói da terra que a colheu.
O cortador de cana é o maior operário,
Seguindo, no viver, o mais digno fadário,
Piracicaba o fez igual a um filho seu.

Léguas de canaviais estendem-se ondulantes...
Piracicaba orgulha-se, assim, como d'antes
quando, verdes, além, sombreavam cafezais;
é a vontade da raça, a raça desta terra
que todo o seu valor em seu íntimo encerra
e, transfeita, sorri, hoje, nos canaviais.

A ESCOLA-A CULTURA

(Cap. XXIV - XXVI - XXXVII)

Mas voltemos atrás, voltemos ao principio...
Treze de fevereiro, um belo dia, o início
da escola nesta terra ainda muito jovem.
Corria o ano mil oitocentos e mais,
dizem mais vinte e seis, a história e os anais
que Guilherme compôs e aos pósteros comovem.

Foi a semente, certo, uma escola primária
plantada com amor na terra legendária
que iria florescer em muitas outras mais.
E a palmatória, diz o historiador citado,
brindava com furor o aluno desmiolado
para gáudio do mestre e aprovação dos pais.

Foi porém nessa escola autoritária e forte
que o passado traçou as linhas de seu norte
abrindo a grande senda à escola do futuro.
Bendita sejas tu, assim severa e augusta,
escola do passado autoritária e justa,
feita de pedra e cal como um eterno muro.

Escola que nos deu as mais nobres figuras
porque gloriosa e audaz feita de iluminuras,
um livro sempre aberto às ânsias do saber.
Foi aquela de fato - a pequenina escola -
de cuja doce luz ainda hoje se evolva
a cultura sem par, um mundo de prazer.

Foi ali que nasceu a figura do mestre
com ares de cientista e humildade campestre;
um espécie de herói que até nós se agiganta.
Quem, acaso, não teve à frente em sua vida
a personagem sacra, estimada e querida,
do professor envolto em afetuosa manta!?

Foi desse pequenino e tão singelo arbusto
que a ramagem se abriu num farfalhar augusto
e virou nessa imensa e florescida copa
de cultura, de luz, que os pósteros desfrutam.
Os mesmos mestres são os que agora labutam
numa legião feliz, numa gloriosa tropa.

A “Sud”, a “Agronomia”, os ginásios em penca
“Cristóvão”, “Assunção”; a UNIMEP que despenca
alunos à porfia a cada final de ano.

E vemos, dispersado em levas pelo mundo
num anseio comum, histórico e profundo;
diplomando e ensinando - o piracicabano.

Honramos, na cultura, a história em seus primórdios
os nossos corações palpitam monocórdios
e o Brasil nos admira as graças do saber.
Foi aquela escolinha, ingênua e promissora,
que a distância plantou, sublime e sonhadora,
para não mais parar de ensinar e crescer.

A SAÚDE E A BONDADE

(Cap.XXVII)

Diz-nos também, da história o sublimado germe
desse livro inicial escrito por Guilherme
que os nossos ancestrais são grandes na virtude,
pois plantaram um dia ao longo do caminho
Santa Casa e Hospitais para dar o carinho
da bondade e acolhida aos faltos de saúde.

Pensaram muito bem nossos antepassados
ao partirem em busca e auxílio dos deixados
à sorte da doença e às durezas do mal.
José Pinto de Almeida, assim, vestiu-se de anjo
e com dedicação entreteceu o arranjo
para Piracicaba haver seu hospital.

E o teve, e prosperou e anualmente o temos
- uma herança da fé daquele que em supremos
trabalhos nos legou a “nossa” Santa Casa.
Orgulho do passado, orgulho do presente,
um contínuo labor em favor do doente
o futuro também acolhendo sob a asa.

Cresceu a sociedade e com ela centenas
cresceram hospitais para talhar as penas
da doença e da dor ao aflitivo irmão.
José Pinto de Almeida - ó gênio da saúde;
da eternidade vem, vem do teu ataúde
receber nosso preito e a nossa gratidão.

Vem ver como o ideal da tua alma justa
logo se transformou em realidade augusta,
nesse rosário imenso em casas de saúde.
Foste, nobre senhor, o plantador risonho
desse espetacular e fantástico sonho
de piracicabana e excelsa magnitude.

É a colheita feliz da suave lavoura
da bondade de uma alma ativa e empreendedora,
o legado de quem largamente pensou.
Devem-te as gerações tão grato benefício,
recompensa final de tanto sacrifício
que com doçura e amor tua alma sustentou.

“Misericórdia” é o lema apostado à Santa Casa,
representando ali uma brilhante brasa
- a brasa desse amor que arde dentro de um homem,
que quer ver os irmãos conquistando a saúde,
livres do sofrimento e da vicissitude
da doença dos pulmões, dos males do abdômen.

Registre pois a história o feito aqui cantado,
a figura de quem em herói transformado
é digno de louvor, digno de gratidão.
Se temos hospitais, José Pinto de Almeida
foi o desbravador, foi o pioneiro, o rei da
saúde deste povo e deste seu irmão.

POLÍTICA

(Cap. XXII – XVII – XIX)

Marco primeiro foi, bandeira que se erguia
para mostrar ao mundo o sermos freguesia,
termos independência e clara autoridade
- pelourinho na praça, um sinal de consciência,
um símbolo civil a pedir obediência
aos governos e às leis com total liberdade!

Esguio monumento ereto em plena praça,
político obelisco emoldurado em graça,
lança social em riste a defender o chão!
Já na aurora do tempo e do novo caminho
a política vem junto do pelourinho
e com Piracicaba anda a par desde então!

Vem o Conselho, vem a Câmara, começa
da política uma era altivamente expressa
nos homens de cultura e no valor da gente!
O alcaide também vem trazendo autoridade,
a freguesia, a vila, aí, viram cidade
caminhando, depois, sem cessar para a frente!

Legiões, legiões de homens inteligentes
querem com todo o empenho, alegres, sorridentes
por este povo bom lutar e trabalhar.
São alcaides, edis, prefeitos, vereadores,
são nobres e imortais e soberbos valores
que nos deram lições da arte de governar.

A política é boa, a política é grande,
ela escolhe o melhor para que o melhor mande;
com coragem e fé, conduzindo o destino,
o destino de um povo, um povo corajoso,
sempre pronto a lutar, a lutar orgulhoso,
desde o moço ao varão, desde o infante ao menino!

Piracicaba tem, graças à sua sina
uma plêiade audaz de homens, que determina
da política nobre o caminho imortal!
Os homens do passado aos homens do futuro
mostram como servir o idealismo mais puro
e as mais belas lições da política ideal.

Seja alcaide, ou prefeito, ou mesmo executivo
mostraram todos sempre o interesse mais vivo
de governar melhor o nosso Município!
Tal trabalho já vem de longe, dos maiores,
quisemos sempre ter os governos melhores,
com eles governar, mesmo com sacrifício.

E desde o povoador até José Machado
bem governar o povo é sonho acalentado,
o progresso nos vem com labor e doação.
Demos graças a Deus que nos deu de presente
criaturas de escol para reger a gente
com rara inteligência e sábio coração!

E foi “Constituição” nosso primeiro nome
como prova cabal que o tempo não consome
de nobreza ideal da política nossa!
E hoje Piracicaba ativa ainda estua,
é um viveiro civil que lida, estuda, atua,
lídima geração que, contínuo, remoja.

A CIDADE

(Cap. XXVII)

Vinte e quatro de abril é um dia de portentos
pois foi, no calendário, aos mil e oitocentos
e mais cinqüenta e seis,
que a vila recebeu - grata felicidade -
na pia batismal o nome de Cidade
- um presente de reis,

embora diga a história: o povo não gostara,
virar cidade é honra específica e rara,
um salto no amanhã.
Diz pois o Manual de História do “seo” Vitti
o povo desprezou até esse “convite”,
essa festa aldeã.

Não importa porém. Piracicaba avança
operosa e feliz cumulando esperança,
reúne os filhos seus.
sob lábaro de amor, de trabalho e vontade
e faz da vilazinha esta enorme cidade
sob os olhos de Deus.

De primeiro era a taipa, a palhoça, o casebre,
em meio ao capinzal os pinchos de uma lebre,
cabanas de sapé.
E ao vir do entardecer, ao longe, da floresta,
vinham ao sertanejo os rumores da festa
do indígena boré.

Fez-se tijolo a taipa, o sapé fez-se telha,
a cabana cabocla à casa se assemelha
e a madeira de lei
firmou o teto forte e o piracicabano
passou a enriquecer todo orgulhoso e ufano
e cimentou a greil

A urbe se apoderou aos poucos do horizonte
e se esprou além assumindo uma frente
de cidade a crescer.
As colinas, em susto, ouviram firmes passos
de um povo que conquista e com ele aos abraços
quis então se envolver.

Frondejam os jardins, as ruas se encompridam,
avenidas sem fim que às multidões convidam
a ir e vir, a passear.
A casa pequenina atrás ficou num sonho
com seu frontal em flor, docemente risonho,
portas de par em par.

Está longe porém esse tempo quimérico
a cidade se abriu em leque estratosférico,
as colinas tomou.
O arranha-céu domina a amplidão dos espaços,
dourados pelo sol, eles roubam pedaços
do azul que o céu legou.

As janelas lá em cima espiam o infinito,
relampejam de sol num cenário bonito,
vidraças a luzir,
E casas patriarcais povoam de riqueza
as “Cidades Jardins” que são uma surpresa
com ares de faquir.

Nas encostas também avança o casario
em louca profusão, em nobre desvario,
cada qual quer um lar.
E às vezes, (que tristeza!) aponta uma favela
tão rústica e infeliz, mas socialmente bela,
ferindo-nos o olhar.

Das torres que foi feito, indago como poeta?
Onde estão, vos pergunta o meu olhar esteta,
tomaram-nas talvez?!
Perderam-se, eu sei, em meio a tanto prédio,
trazendo-me o torpor de amargurado tédio
e uma estranha mudez.

A INDUSTRIALIZAÇÃO E O COMÉRCIO

(Cap. XXXII e outros)

Como era uma nação trabalhadora e ordeira,
era uma sociedade histórica e altaneira
semeou por este chão indústrias a valer.
A Maria-Fumaça apitando e fumando
trazia ao interior o valor formidando
de quanto era preciso ao povo pra crescer.

Subiram chaminés demandando infinitos,
ouviu-se o ronco audaz dos motores aflitos
e o operário ganhou profissão e trabalho.
No fole ou na fornalha a mourejar na lida
era uma luta só, uma luta aguerrida
onde entravam a enxada, a picareta, o malho.

A princípio, pequena, a oficina se via
sementinha feraz da indústria que seria
a potência abismal da Dedini atual.
Seria esse portento altivo e generoso
que o gênio de um prefeito, em momento glorioso,
aos pósteros legou no Distrito Industrial.

Seria a Codistil, seria Monte Alegre,
fábricas de papel, de açúcar; que se integre
tudo num gesto só de grandeza e progresso.
Predestinado chão, cidade que trabalha,
os filhos a reunir na mais santa batalha
nessa glória industrial tudo tão bem expresso.

Vejo o trabalhador encontrar um trabalho
da pobreza espantando o sórdido espantinho
para filhas e esposa indo de encontro ao pão.
Nesta terra feliz de indústrias e oficinas,
de fábricas sem fim, de dezenas de usinas
todo que a procurar terá sustento às mãos.

E vamos mais além: o comércio floresce
pelas ruas centrais o povo sobe e desce,
formigueiro que vai de uma loja a outra loja.
O sírio, o libanês, o turco, o brasileiro,
o ítalo, o japonês, o local, o estrangeiro,
valores de que nunca a terra se despoja.

São bares, armazéns, casa de todo lado,
desponta a nosso olhar grande supermercado,
é alimento que vem o povo sustentar.
Rua Governador, símbolo do comércio,
conquistou tal direito e, atualmente exerce-o
com todo esse esplendor que a todos quer mostrar.

OS IMIGRANTES

(Cap. XXX)

E a fama da cidade andou terras afora
por isso a cobiçou o olhar vindo de fora,
olhar interesseiro e audaz dos imigrantes
que aportaram de longe em levas peregrinas,
em geral, artesãos, povoando estas colinas,
trazendo cada qual sonhos mirabolantes.

De fala gutural, de nomes complicados,
o historiador nos diz; homens bem preparados,
excelentes também como profissionais.
Inclusive detém a cidade hoje em dia
Bairro dos Alemães em sua geografia,
mantendo a tradição e as línguas ancestrais.

Depois, em cópia nobre, italianos e sírios
fizeram desta terra o seu jardim de lírios,
uma nova Canaã - a Terra Prometida.
E o nobre coração do piracicabano
se abriu de par em par como sublime arcano
e a cada raça deu a mais grata acolhida

Mais tarde eis que nos vem em onda jubilosa
o povo japonês trazendo-nos, airosa,
sua cultura; e a fé também a nós trazendo.
Exemplo de trabalho, exemplo de vontade
conseguiu trazer à lavoura e à cidade
o mais altivo impulso, o surto mais tremendo.

Quanto Piracicaba aos imigrantes deve!
Contar-lhes o valor meu verso não se atreve
e fazer-lhes justiça é impossível dever.
Registre-se contudo a grandeza dos feitos,
de todo esse labor de seus potentes peitos,
ricos de força e amor, dignos de os merecer.

E que este comentário em prol desses pioneiros
não esqueça jamais de falar dos primeiros
imigrantes de além chamados tirolezes.
Raça das mais viris, raça afeita ao trabalho,
- um punhado de gente a perseguir o atalho
dessa prosperidade encetada mil vezes.

Que riqueza nos trouxe a mão de tais amigos
que se uniram a nós na dor e nos perigos,
são símbolos da fê, êmulos são de heróis!
Não temeram a dor, a dor e o sacrifício,
fizeram do dever o mais nobre exercício,
viram todo o esplendor de muitos arrebóis!

A minha pretensão pesquisadora e histórica
- alma entregue à poesia, alma dada à retórica -
somente lhes quer dar gratidão e carinho.
Gratidão a vocês, verdadeiros epônimos,
do piracicabano amigaços anônimos,
juntamente a sorver dessa amizade o vinho.

Devemos-lhes, eu sei, muito mais do que tudo,
do favor menorzinho ao favor mais graúdo,
nossa dívida é grande, é imorredoura e tal.
Hoje já não se nota alguma diferença,
ao ver velho imigrante, entre nós, já se pensa
que esta Piracicaba é-lhe a terra natal.

Amalgamou-se a gente e somos um só povo,
desde o senhor mais velho ao filhinho mais novo,
tudo é Piracicaba é a raça que prospera,
deslumbrada, a sorrir, ante um futuro imenso
de tal sorte, meu Deus, que às vezes paro e penso
que somos geração de nova e esplêndida era!

Imigrante, obrigado! O sangue dos teus filhos
há de luzir nos mais deslumbrativos brilhos
tão numerosos quais os astros pelos céus.
Imigrante, obrigado! Estamos comungando
da conjunta ventura e sonho venerando,
vencendo nessa luta os mais duros labéus.

Na cidade, no campo, onde quer que seguirdes,
colina patriarcal que acaso vós subirdes,
à frente encontrareis o imigrante ou seu neto.
Digno da vossa mão, do vosso cumprimento,
do mais profundo e nobre e eterno sentimento,
do mais sincero amor, do mais pródigo afeto.

OS CAMINHOS BANDEIRANTES

(Cap. III e XXII)

No início era a picada em meio à mata hirsuta
enfrentando o mistério em constante labuta,
a febre, o tremedal, o espinho e o índio atroz.
Torcia-se o cipoal a enredar lerdos passos
parecendo envolver em seus longos abraços
o sertanejo audaz com seus múltiplos nós.

Depois, o picadão já desfazia a trama,
a foice desmanchava a verdejante rama,
perfurando o sertão ao sul, ao leste, ao norte,
ao oeste, enfrentando a distância sem termo
com saúde total ou tristemente enfermo
fazendo da aventura a conquista da sorte.

E o caminho espichou, foi espiar as minas,
a dourada ilusão, são ricas assassinas
que levaram heróis à morte, em Cuiabá.
E o bandeirante ousado, em febre, todo chagas,
com seus passos ligava as sonâmbulas plagas,
numa luta sem trégua, escandalosa e má.

“E sete anos de fio em fio destramando
o mistério, de passo em passo penetrando
o verde arcano foi o bandeirante audaz.” (Olavo Bilac)
Não sete, mas setenta a luta prosseguira
transformando o sertão numa gloriosa pira
de anseios e ilusões que essa procura traz.

Mas o caminho foi, ao lado da bandeira,
a vitória final da gente brasileira
nô-lo conta essa rede enorme que deixara.
Cada batalha finda e cada estrada pronta
acrescentavam mais uma preciosa conta
no rosário sem rim que o bandeirante ousara.

O picadão de outrora agora é rodovia,
é asfalto a se estender em cada longa via,
é BR a entretecer malha longa e veloz.
É a “Washington” que vai de extremo a outros extremos,
é a “Anhanguera” febril que tanto conhecemos,
utilíssima e bela - a “Luiz de Queiroz”.

São estradas que vão de polvo quais tentáculos
vencendo sem cessar a distância e os obstáculos,
traçadas pelo passo ávido bandeirante.
Caminhos do progresso a transportar riqueza
dando a Piracicaba os visos de realeza
com que sonhou feliz desde o primeiro instante.

A CÂMARA

(Cap. XVII e APÊNDICE II)

Mal instalada a vila acorre a autoridade
em busca do valor, da honorabilidade
de quem assumiria as rédeas do poder.
A terra progredia, o povo mais somava,
era preciso, pois, uma atitude brava
de gente varonil que o pudesse exercer.

Sucedem-se os edis nomeados para o cargo,
às vezes entendido um pouco duro e amargo,
outras tantas, porém, como honra grande e grata.
Havia o Vereador de ser sabido e forte,
remar contra a maré, fugir até da morte,
era árdua tal missão, era missão ingrata.

A política tem sobressaltos e glórias,
tem derrotas também e tem suas vitórias,
sacrifício e consolo a política tem.
Desde os primórdios, pois, Piracicaba vê
excelentes edis em quem o povo crê
e que Piracicaba, histórica, contém.

Ilustrando-lhe a vida e a gente destacada,
sob o signo de paz ou luta encarniçada
seus filhos sempre são ilustres, valorosos.
Alcaide ou Vereador eleitos pelo povo
(festa diante da qual eu sempre me comovo)
cumprem o seu dever pontuais e orgulhosos.

Quem se der ao prazer de compulsar a história
- essa visão, a um tempo, eterna e transitória -
há de ler todo o rol dos nomes dos edis.
São heróicos eu vi, eu vi que são briosos,
com eles trabalhei quarenta anos preciosos,
anos em que aprendi sabendo ser feliz.

E a cada ano que vem e a cada ano que passa
- esta vida não é mais que fátua fumaça -
mais os vejo ser bons, e dignos, e leais.
Legiões e mais legiões, são homens ilibados
que aprenderam quiçá de seus antepassados
a governar à luz dos lídimos ideais.

E desde o Povoador - o primeiro prefeito -
fosse nomeado embora ou fosse mesmo eleito
tivemo-los geniais como administrador.
E a memória recorda, a memória conserva
os que foram um dia a cívica reserva
do trabalho e moral, de justiça e de amor.

Quero prestar aqui minha justa homenagem
àqueles que com fé prestaram vassalagem
ao império da lei, à vontade de um povo.
Tiveram por missão obediência à Justiça
travando com valor a mais sincera liça
para nos conduzir a um tempo bom e novo.

Hão de os pósteros ver nesses homens, cativos
de grandes ideais, dos ideais tão vivos
que animam todo aquele a quem poder se deu.
O poder que se assume é emanção sincera
do voto popular, jamais sendo quimera
que, um átimo depois, já desapareceu.

Louvor e gratidão aos edis e prefeitos
que a história registrou como grandes eleitos
mostrando que a razão do voto prevalece.
Louvor e gratidão a esses administradores,
culturas ancestrais, ótimos condutores
que este poema humilde em versos engrandece.

AS PONTES

(Cap. XXI)

Quando a estrada caminha e encontra o grande rio
fica logo furiosa e pára em desvario
pois a marcha lhe tolhe e ela estaca um momento.
É preciso que venha a ponte em seu socorro
para leva-la além das águas e do morro
e assim continuar seu longo movimento.

A ponte é salvação. Carrega nos seus ombros
de bruços, gigantesca, a provocar assombros
toneladas de peso estúpido e brutal.
Quantas vezes a ponte, assoberbada, falha
e sucumbe ao fragor dessa estranha batalha
qual Atlas a suster o Globo Universal.

Quando Piracicaba, em vagidos, crescia
e o comércio veloz em saltos progredia
e o rio não chegava a todo esse transporte
foi preciso lhe dar urna ponte moderna
para pôr ordem onde antes havia baderna
que às vezes a disputa acabaria em morte.

Vejam só, vejam só que falta nos fazia
a passagem que a vau tanto comprometia
com cheias colossais do rio, salto a fora.
As minas, o sertão, as povoações nascentes
sorririam de gosto e veriam contentes
surgir um novo tempo, abrir-se nova aurora.

O ouro, a prata, o sertão com todos os diamantes
em doida profusão viriam, delirantes,
povoar de sonhos mil as terras de cá e lá.
A riqueza fluiria em forma de alimentos
e a ponte levaria anseios e portentos
vindas desse Eldorado imenso - Cuiabá.

Passar além da ponte era entrar no mistério,
a ventura, a fortuna, ou talvez cemitério,
a bravia floresta à espera dos incautos.
Em ouvir a mentira, as fábulas, as lendas,
findar ao desabrigo ou sob o horror das tendas,
ao chamado acorrer de insólitos arautos.

Entretanto levava em direções variadas
a bandeira a explorar as regiões ignoradas,
entre a verdade e o sonho era elo promissor.
E quem diria que ela, assim humilde e pobre,
seria a “ponte nova”, a ponte enorme e nobre
que levaria o mundo em busca do Interior?!

Chamam-na “nova” ainda, entanto é tão antiga,
tem raízes na história e o mano meu que o diga
e que o ensine o seu livro ao presente e ao futuro.
Um capítulo inteiro à ponte é consagrado
e o seu grande valor jamais será cantado
por poeta estreante ou poeta maduro.

Prefeito houve porém cuja memória insigne
(é preciso que o fato em versos se consigne)
legou-nos grato rol de pontes por aí.
O que o tempo nos deu labutando a cada ano,
um só prefeito audaz - comendador Luciano,
em série as construiu - ó “meninos, eu vi” ? (G. Dias).

Ponte do Monte Alegre ou do Lar dos Velhinhos,
com que tranqüilidade e em lerdos torvelinhos
vejo as águas passar do salto em direção.
A do Morato assiste a pescarias tantas
- as linhas e os anzóis são coisas sacrossantas
do rude pescador que os tem na própria mão.

A velha ponte nova, outrora criticada,
hoje vive a sorrir luxenta e reformada
enfrentando, tranqüila, um trânsito feroz.
De cada ponte vai a imagem refletida
monumento que são desta terra querida
se espelhando no rio em corrida veloz.

PROGRESSO

(Cap. XXXII - XXXIII)

Agora, bom leitor, agora, amigo, peço
momento de atenção, vou falar de progresso
que à terra acompanhou desde o seu arrebol.
O “Manual de História” o diz com todo o orgulho
que desde o seu início ouvia-se um barulho
de progresso a crescer como glorioso sol.

Ele vinha através do comércio e lavoura
numa forma agressiva e a um tempo sedutora,
na alma do homem local, na alma do forasteiro.
Havia um só interesse, havia um só idealismo:
fazer deste torrão um ninho de civismo
e um ninho de trabalho altivo e condoreiro.

E nesse imenso afã, nessa batalha ingente,
a cidade crescia, interna e externamente,
a outras plagas levando o fruto do labor.
E a riqueza fluía e a riqueza chegava
sem nenhum empecilho e sem nenhuma trava,
cantando, cada lar, o hino do bem, do amor.

A oficina e a indústria, as forjas e o martelo
- espetáculo ideal risonhamente belo -
pompeavam sempre mais, exemplos de trabalho.
A vida como que se tomava mais doce
e a cidade crescia a esse embalo qual fosse
um prêmio a afugentar das dores o espantalho.

Circulando riqueza os vapores subiam
rio acima a mugir, no seu bojo traziam
o produto de fora e levando o daqui.
A estrada de água - o rio - atufado e querido
trazia no seu dorso o alimento exigido
enquanto o salto canta e estrila o bem-te-vi.

E o fio de metal trouxe a eletricidade
Iluminando a noite escura da cidade,
Cartas de namorada o correio levou
E a rua melhorou ganhando emplacamento.
deram-lhe, para os pés, bonito calçamento
E a vida da lavoura em muito melhorou.

E não foi material apenas o progresso,
Também, culturalmente, estendeu-se em sucesso
Para gáudio oficial da intelectualidade.
O teatro surgiu divertindo-se a gente,
A cultura floriu ininterruptamente,
Espalhando prazer, dando felicidade.

O POVOADOR

(Cap. V, VI, VII, etc)

A ordem foi: povoar. E Corrêa Barbosa
- Capitão-Povoador - sem dar-se a muita prosa
resolveu povoar mas onde bem quisesse.
E desobedecendo às ordens vindas do alto
plantou a povoação ali próxima ao salto
eis que a vista é mui bela e a seu gosto obedece.

Homem rude e audacioso, as ordens não o impedem,
pois alma e coração a seus impulsos cedem,
a vontade venceu do ínclito Fundador.
A cidade nasceu foi às margens do rio
por força do valor, do comando, do brio
de Corrêa Barbosa - o herói Povoador.

Que coração bravio o desse homem valente,
que alma rude e vibrante, espírito potente,
em constante emoção, em constante delírio!
Que jamais tropeçou ante as dificuldades,
que não compactuou nunca com as maldades,
que jamais renunciou enfrentar um martírio!

Quantas vezes, quiçá, no recesso do quarto
depois de um dia longo e de cansaço farto
sentiu-se o Povoador desalentado e só,
Contemplando no céu as estrelas em grupos,
ouvindo no marnel dos sapos os apupos
e perto, na penumbra, a voz do noitibó!

Que sabe quanta vez na mal dormida noite
o bravo fundador sentia dentro o açoite
da dúvida a moer-lhe a vontade e o entusiasmo!
Muitas outras talvez diante da intolerância
enfrentara o temor de incompreendidas ânsias
como um deus solitário, estraçalhado e pasmo!

Foi preciso vencer, outras vezes, em volta,
O alarido fatal do incerto e da revolta,
ver amigos em fuga a abandonar a liça.
O poeta diria até que muitas vezes;
teve de suportar os doestos mais soezes
e sujeitar seu sonho aos males da injustiça!

Diz a história que tenho agora sob a vista
que a figura do herói foi tão personalista
a ponto de exigir mudar a povoação.
Sua desobediência impôs aos seus maiores
e quis a fundação em paragens melhores,
no topo da colina a espiar o sertão.

Valeu esse teu gesto a gratidão eterna,
hoje, Piracicaba em peso se prosterna
por ter nascido assim dessa desobediência.
Teu gênio tem razão de vez que desfrutamos
esse rumo feliz por onde caminhamos,
graças ao teu saber, à tua inteligência!

Capitão Povoador, soldado e bandeirante,
coragem e caserna unidas num só instante,
a aventura que leva, a doutrina que faz!
Uma alma afeita ao sonho, afeita à disciplina,
um soldado que impõem, um professor que ensina,
espírito guerreiro a construir a paz.

ÁGUA... ÁGUA...

(Cap. XXXVI)

Numa aflitiva voz suplica água o pedinte
desde os tempos de antanho até o século vinte,
sempre a súplica é a mesma, é a mesma sempre a voz.
Do mesmo jeito ocorre ao nascer das cidades
quando cresce o seu povo e as fontes das herdades
não conseguem matar a sede longa e atroz !

Também Piracicaba em - “disparada” - a verve
do historiador nos diz - para que em si conserve
o crescente aluvião de habitantes que tem
vai às fontes pedir que o povo dessedente,
vai ao rio buscar água pra sua gente
para a sede saciar de quem de longe vem.

E em meio à praça, à luz de um sol glorioso e cálido
de um sol dourado e bom, saudavelmente pálido,
jorrou numa cascata o grande chafariz.
Era um líquido sonho a chegar como bênção
e tão alto esguichou que o povaréu já pensa
ser o céu a mandar doce chuva feliz.

Alegre festival de palmas e sorrisos
aceitou esse prêmio de líquidos guisos
de água a verter em meio à multidão compacta.
Era a vitória enfim e a fé nos comandantes
cuja virtude, então, como nos homens d’antes
na crença popular permanecia intata.

Eram redes de tubo a trazer da distância
o líquido precioso em mágica abundância
servindo a todo gosto exigências do lar.
Quem diria, porém, que um dia aquelas redes
de canos viessem ser essas que agora vedes,
espetáculo enorme, organismo sem par!

O minúsculo sonho um dia em plena praça
ninguém supôs jamais se transformasse em graça,
na graça colossal que se chama SEMAE!
Aquele chafariz, em nome da verdade,
foi decerto a semente a servir de vontade
ao “filho” que, afinal, é digno de tal pai.

“EM DISPARADA”

(Cap. XXXVII)

E como, meu leitor, o poema vai longo
e já merecedor de buzina ou gongo
correrei tal qual fez o nobre historiador.
Escreverei que foi o século tão cheio
de vitórias totais que fico com receio
de deixar para trás aduentos de valor.

Não direi que houve até turismo gatinhando,
novas escolas vêm às outras se juntando,
empresas comerciais em profusão gostosa.
E nem revelarei que o correio chegara
qual coisa necessária e extremamente rara
já que a correspondência era bem numerosa.

Calarei, por respeito, a vinda da cadeia
que falar de prisão eu acho coisa feia
Vez que a todos o crime entristece e anuvia.
Deixarei de escrever sobre templos e igrejas,
nem preciso dizer das coisas benfazejas
plantadores que são da fé que salva e cria.

Nem descrever preciso a chegada da imprensa
tão gloriosa e imortal eu lhe vejo a presença,
tão fantástica eu vejo a história dos jornais.
A imprensa a história faz, seja bela ou sinistra,
é a imprensa a vigilar que tudo nos registra
e lega e immortaliza os fatos atuais.

Deixo aqui, como prova especial de respeito,
aos jornais desta terra o mais profundo preito
de amor, de gratidão, de amizade e carinho.
Para quem nela crê, para quem nela lida,
a imprensa é qual banquete, é célica comida,
atraente e teimosa, igual bacante vinho.

Envolto nessa teia iluminada e viva
o jornalista tem na imprensa a alma cativa,
tem manhas divinais do polvo de GIILLIAT. (Vitor Hugo)
E quanto mais o suga e quanto mais o fere
a vítima se agarra e mais profundo adere
e nunca mais, a imprensa, o pobre deixará.

O gênio que a inventou e que hoje ainda se ergue
nas luzes do passado - o imortal Gutemberg -
reverencio agora e lhe rendo a homenagem.
Que receba de nós - gerações que caminham -
que ao longo do viver as forças não definham
dizendo-lhe que a imprensa é doce vassalagem.

Dizendo-lhe que ela é qual ave peregrina
- condor que o ninho fez no topo da colina -
onde Piracicaba ergueu-se e prosperou.
O “Jornal”, o “Diário”, a “Tribuna”, trindade
Para mostrar ao mundo, à plena saciedade,
Que a imprensa aqui floresce e aqui se alcandorou.

Foi ela, unida à Escola em sólida simbiose,
Dos tempos através que nos deu farta dose
De poetas gentis, de gentis escritores,
Jogando com a rima em folguedos diversos,
Da poesia tecendo os colares de versos,
Brinquedos de cristal de jovens sonhadores.

Na cidade se canta em líricos poemas,
O roceiro compõem em versos seus dilemas
Temperando de amor trovas sentimentais.
É pródiga, auroral, dos livros a colheita
Dando a impressão que em cada esquina nos espreita
Um poeta a compor sonetos tropicais.

Não falta nesse rol de amantes da poesia
a seresta com toda a sua fantasia,
com violas e violões, pandeiros e violinos.
Romântico, o luar, se põe a ouvir de cima
a terrestre canção onde floresce a rima
em versos a chorar impossíveis destinos.

Novidade a seguir os ventos do progresso
da seresta, depois, se deu brilhante ingresso
com todo seu cartaz, a banda musical.
Foi concretização de um intenso desejo.
foi festa a não poder, foi o maior ensejo
de propiciar ao povo um grande festival.

E, a tempo, ainda chega a ferrovia, a linha,
a Maria-fumaça impôs-se qual rainha,
com gare, a demonstrar alcantilado status.
E a cada vir de trem os ares apitavam,
cada vez de partir as caldeiras bufavam
reboando muito além nos recantos pacatos.

O povaréu vibrava em sibilantes gritos,
o vapor estrilante assobiava apitos
e o ferro contra ferro era um surdo rumor.
O piracicabano engolfou-se em viagens
para outros centros ia atolado em bagagens,
querendo conhecer o mundo com furor.

Única mancha negra a envergonhar-nos era
a escravatura atroz em compasso de espera
pois liberdade havia lampejando ao redor.
Depois de tantos choro e lágrimas frementes
floriram, certo dia, as risonhas sementes,
a escravidão sorriu em lídimo esplendor.

O escravo viu cair as terríveis argolas
e pôde freqüentar as públicas escolas,
tomar-se cidadão, viver a própria vida.
A esperança de ser afinal também livre,
de poder saborear a pinga com gengibre
concretizou-se enfim, em risos convertida.

“Ave, libertas” - viva a liberdade - disse
a “Gazeta” de então, expressa de meiguice,
com que o jornal saudou o fim da escravidão.
E o braço escravo foi nova força e potência,
melhora o trabalhar sem chula prepotência
do chicote feroz que brandia o patrão.

Depois da escravidão outra importante data
veio ferir do povo a quietude pacata,
mexer no sentimento e na vidinha pública.
A notícia festiva e altamente política
sem ter contestação, sem polêmica ou crítica,
foi a Proclamação da Primeira República.

E foi Piracicaba, exatamente a nossa
que já sentia em si rajadas dessa bossa
que cedeu o civil primeiro Presidente.
Os nossos cidadãos ciosos da liberdade,
puseram-se à vanguarda em favor da cidade
dando vazão à fé no governo nascente.

Gloriosa primazia e especial deferência,
Prudente de Moraes galgando a Presidência,
um filho cultural desta Piracicaba.
Honra insigne, decerto, a orgulhar este solo,
pois foi quem o embalou em seu cívico colo,
foi índio deste mato e pagé desta taba.

Não há como deixar neste curto resumo
cuja pobre autoria, ousadamente, assumo
o nome dos mortais ilustres desta história.
São muitos, grandes são, falta fôlego e engenho
para contar aqui o seu cívico empenho,
para um pouco mostrar de sua eterna glória.

Reporte-se o leitor ao Manual do mano
para certo saber o piracicabano
nome que dignifica o rol desses ilustres.
Política é uma escada arrojada e comprida,
esses homens talvez (a imagem não tem vida)
o mesmo apoio dão que à escada os balaustres.

Que glória para nós termo-los no Congresso
onde, só homens de bem deviam ter acesso!
Tivemo-los, eu sei, empenhados e justos.
Intendente, prefeito, alcaide, executivo
é tudo uma só coisa - o pensamento vivo,
o deflagrar de ideais valorosos e augustos.

OS FRADES

(Cap. XXXVII)

Não há núcleo, não há fundação da cidade
onde falte a figura exótica do frade
debaixo da humildade exata do burel.
É o padre, o sacerdote, o ministro de Deus,
levando para o céu os paroquianos seus,
livrando o pecador das garras de Lusbel.

E a sotaina marrom veio a Piracicaba
e sobre o mundo e o tempo um dilúvio desaba
de fé, de religião, caridade e esperança.
O povo citadino e o povo sertanejo
sentiram, bem-estar e sólido desejo
de servir ao Senhor; de servi-lo não cansa.

Surgiu em cada sítio em cada rincão nobre
a igreja rural com seu aspecto pobre
mas rica de entusiasmo e amor à sua Fé.
Ainda hoje é comum ver no topo de um monte
a capela e a entestar na linha do horizonte
nos diz que a religião frondeja e está de pé.

Quem ia consolar em casa o moribundo
levando-lhe com todo o respeito profundo
Cristo na comunhão, no passo para a morte?
Era o bom capuchinho, o frade sorridente
que jamais se negou a auxiliar o doente
dando-lhe desta vida o último passaporte.

E a memória registra os feitos capuchinhos,
feitos imemoriais, enfrentando sozinhos
o sol, os temporais, a escuridão da noite,
muitas vezes ao léu das chuvas, encharcados,
outras fazendo a pé caminhos estropiados,
quase sempre não tendo onde fazer pernoite.

Com ajuda dos mais, com célicas manobras,
deixaram-nos aí magníficas obras
na alma e no coração da cidade a crescer.
Missionários do amor, peregrinos gigantes,
seus feitos ficarão eternos, cintilantes,
para que as gerações não se cansem de ver.

A AGRONOMIA

(Cap. XXXVII)

E um dia um cidadão de ideal acalentado
Teve um sonho sem par há muito acalentado
Concretizando-o após para susto geral,
Na fazenda São João da Montanha, instalando
Essa que iria ser – o fato formidando,
- a concretização de seu magno ideal.

Uma escola em que o campo e sua agricultura
falasse bem de perto às ciências e a cultura,
Levasse para o mundo o valor de seus filhos.
A “Luiz de Queiroz”, de fato hoje um portento,
Um pináculo audaz, eterno monumento,
Pelo mundo estendendo seu valor e brilho.

O patricio, o estrangeiro ali fazem seu ninho
Nele encontrando o mais devotado carinho
Dos mestres que lhes dão estudo e profissão.
É Luiz de Queiroz pioneiro destemido,
Jamais o alcançarão os pesares do olvido,
Os desejos malsãos jamais o alcançarão.

O ensino, a ciência, a fama em torno de tal astro
Desvendando ao porvir maravilhoso rastro,
Apontam ao futuro a força da lavoura.
É como se um titã repleta a mão de sonhos,
Se pusesse a espargir pelos campos risonhos
Sementes imortais que doce sol redoura.

Por séculos afora os milagres de agrônomos
Todos os anos vão, preparados e autônomos,
Povoar com seu saber os campos do Brasil.
A Luiz de Queiroz nosso muito obrigado
por quanto a Escola fez de grande e renomado,
Por quem seguiu, após, teu sonho varonil.

EPÍLOGO

(Capítulos finais)

E o século findou prenhe de grandes obras,
O estrépido dos trens com noturnas manobras,
as irmãs, o coreto, as bandas e as escolas;
eleições, Presidente, intendentos, edis.
Mil novecentos veio e trouxe tantas novas,
tantas que nem sequer cabem em poucas trovas
ou num rol pobretão de rimas juvenis.

Por isso passo ao largo, apenas convidando
o leitor a pensar e contemplar pensando
na cidade de agora e a cidade de então.
A vontade, o trabalho, o esforço de seus filhos
seguindo, sem descanso, os mais diversos trilhos
da aventura, da fé e total dedicação!

Seguindo o exemplo dado aos pósteros como eles
Namorados do bem, da labuta daqueles
que na história da terra eram os povoadores.
Como aqueles também hoje em dia se luta
para que a terra seja essa coisa batuta
- um pedaço de chão cercado de esplendores.

Como a deles a vida há de seguir cantando,
o pessimismo atroz daqui sempre expulsando
tendo em mira construir sociedade especial.
O burgo nos deixou o exemplo dos maiores,
o exemplo de um viver de beleza e suores,
na concretização do maior ideal.

Se o velho Capitão Povoador ressurgisse
e com olhos reais Piracicaba visse
“cheia de encanto e flor” como a cantou o poeta (Newton de Mello)
choraria de susto e de alegria imensa
por ver a seu labor tamanha recompensa,
por ver que vã não fora a busca dessa meta.

Veria a povoação feita cidade grande,
metrópole quiçá que progride e se expande,
de vila a freguesia, em cidade afinal.
Veria o Padroeiro abençoando as raças,
a rede, em profusão, de avenidas e praças,
ou cada ocupação bravo profissional.

Veria que a capela outrora tão catita
seria catedral, vistosa, ampla e bonita,
multidões de fiéis a cantar e a rezar.
E veria decerto os seus filhos dispersos,
espalhados aquém e em países diversos,
as ciências e o trabalho em dose cavalgar.

Veria que a campina antes improdutiva
ora se transformou nessa lavoura viva
de canaviais ciciando à brisa mensageira.
Veria apendoar os milharais verdoengos
Os louros arrozais mexendo ao vento em dengos
de moça sensual em longa quebradeira.

Veria o picadão que o bandeirante ousado
em meio à mata abriu com braço denodado
feito via que vai ligando extremo a extremo.
A larga fita negra estendida no asfalto
que leva o cidadão, num minuto, de um salto,
ao impulso veloz como em dorso de um demo.

Veria muito mais. Veria o burro, o trole,
o cavalo, a carroça, a fornalha da fole,
toda essa cacaria, essa curiosa tralha,
o burro e o cavalo em motores transfeitos,
os carroções de boi em caminhões perfeitos,
veria o forno de aço em lugar da fornalha.

A escolinha singela envolvida em saudade
veria agora ser alta universidade,
que o humilde professor virara catedrático;
que o passo do povoado a subir lento os montes
fez-se marcha a buscar os largos horizontes;
que o teórico virou rapidamente prático.

Que a enxada gemedora e atônita da roça
da mão do lavrador desajeitada e grossa
virou tudo trator de uma lavoura extensa.
Machado e foice são serra motorizada
que avança com furor na árvore apavorada
em minutos destrói matarias imensas.

Veria, no entretanto, infeliz, que o seu rio
por força da injustiça e humano desvario
sucumbira ao fragor do insólito progresso.
Vê-lo-ia poluído, agonizante e feio,
Podendo-o comparar, sem mínimo receio,
Ao escorrer do pus de fétido abcesso.

O salto nem sequer lhe lembraria aquele
Que cortou-lhe o caminho e o fez escravo dele
Chamando-lhe atenção a “beleza sem par”. (O. Bilac)
Choraria de dor, de desesperos loucos,
Frente a todos que estão esquecidos e moucos,
E a tragédia não vêem do rio a se findar.
Foi ele que atraiu um dia o bandeirante
Com a sua largura e um salto tão pujante,
Com tanta limpidez de suas águas claras.
O homem enamorou-se e o rio, agradecido,
Deixou o Povoador na beleza envolvido
Parando ao pé do salto os barcos e as igaras.

Ficaram, desde então, unidos num só sonho
prometendo ao local um futuro risonho
que a vida, muita vez, consegue destruir.
E aquilo que então fora uma promessa linda
desfeita estava agora, agora estava finda,
estava sepultado um glorioso porvir.

O rio já sucumbe à imundície assassina,
conspurcaram o véu da Noiva da Colina,
preconiza-se a morte e esta, em breve, virá.
É bom que o Capitão desfaça-se do sonho
antes do que assistir a esse quadro medonho
que logo e fatalmente o rio nos será.

Cala-te, minha pena, eu te suplico e imploro
porque a terra que eu amo, a terra que eu adoro,
perdeu o rio que era a vida e o seu valor.
Não mais resisto ao pranto, choro convulsionado
se rola, em mortandade, o peixe trucidado
ao tóxico poder de um mundo matador.

A máquina quebrou, a tecla já não bate,
eu me sinto vencido, enfim, neste combate
e o cansaço me aflora à tona da epiderme.
Quem mais quiser saber da história aqui contada
compulse o Manual de História, escrevinhada
pela alma cidadã do Professor Guilherme.

* * *

LINO VITTI – Alguns dados biográficos

Nasceu no bairro de Santana em Piracicaba, no dia 08/02/1920, é filho de José e Angelina Vitti.

Iniciou seus estudos no Grupo Escolar “Dr. Samuel de Castro Neves” em Santana, estudou na Escola de Formação Sacerdotal dos Padres Estigmáticos, Colégio Santa Cruz, na Cidade de Rio Claro; é formado em contabilidade pela escola “Cristóvão Colombo” de Piracicaba.

Até 13 anos auxiliou os serviços de lavoura em terras de seu pai e tios.

Aposentou-se como Diretor Geral da Secretaria da Câmara de Vereadores de Piracicaba, foi funcionário municipal durante 38 anos; trabalhou por vários anos como comerciante, correspondente de escritório industrial e também é aposentado pelo jornal de Piracicaba com qual ainda colabora como redator.

Desde idos de 1940, vem participando, quase diariamente com crônicas, editoriais, artigos, poesias, contos nos jornais da terra com destaque no Jornal de Piracicaba. Conquistou durante três anos seguidos, o 1º lugar do “Concurso de Contos de Natal”, uma promoção do “Diário de Piracicaba”. Manteve durante numerosos anos a crônica diária “O Prato do Dia”, no Jornal de Piracicaba.

Membro da Academia Piracicabana de Letras e Sócio da Associação de Trovador. Dedicou-se à música, tendo sido durante vários anos, organista amador da Igreja de São Benedito.

Tem três livros de versos editados: “Abre-te Sésamo”, “Alma desnuda” e “Sinfonia Poética”, este em colaboração com o poeta Frei Timóteo de Porangaba, e agora, “A Piracicaba, minha terra”.

EXPEDIENTE

Este livro foi editado pela
Secretaria Municipal de Educação de Piracicaba
Agosto 1991.

Secretária: Prof^a. Maria Cecília Carareto Ferreira
Supervisão: Marco Aurélio de Castro Ribeiro
Arte - Capa e Colaboração: Ivonésio Leite de Souza
Composição e Diagramação: Art&Mídia Comunicação Publicitária Ltda
Impressão Gráfica: Paineiras Artes Gráficas Ltda M.E.